

MARÉ VIVA

Director: NUNO BARBOSA

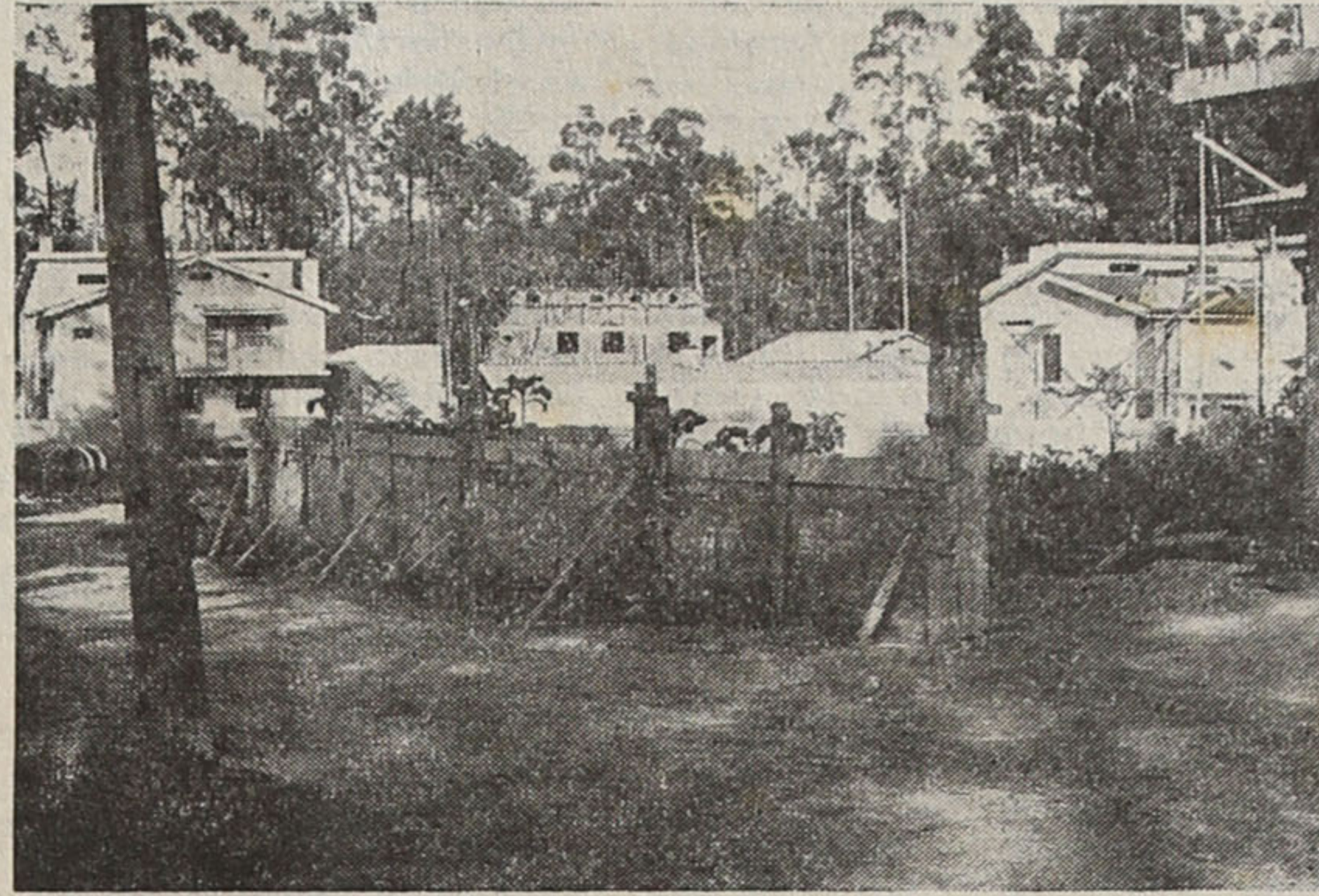
SEMANÁRIO

ANO VIII N.º 342 — PREÇO 12\$50 — 2/6/83

CASAS DE ALÉM DO RIO:

Até o nome do Lugar é clandestino

— PÁGINA 5



MARÉ VIVA

A partir do nosso número anterior, passa a figurar no cabeçalho do jornal a expressão «Ano VIII». Isto poderá parecer estranho a alguns dos nossos leitores já que, há dois números atrás estava lá escrito, no mesmo local, «Ano VI». A realidade é que, devido a um lapso perdoável por certo, nos esquecemos, há dois anos atrás, de «fazer o ano andar»...

Agora, a verdade cronológica está reposta. De facto para o «Maré Viva» jornal que viu a luz do dia a 21 de Maio de 1976, este é mesmo o 8.º ano de publicação.

Que muitos outros se sigam, são os desejos da equipa que actualmente o faz.

Margarida Quarenta
(ginástica AAE)
Melhor atleta espinhense de 1982
Gabriela Maria (gln. AAE) - Revelação do ano

SUPLEMENTO DESPORTIVO
■ Saiba tudo sobre a nova bancada do SCE

DR. PINHEIRO DE MORAIS AO «MARÉ VIVA»

”Parar de trabalhar é morrer...”

— grande entrevista na última página

Segundo o Levantamento Agrícola do Concelho

Em Espinho, actividade agrícola é ocupação dos tempos livres

A propriedade agrícola no concelho de Espinho apresenta-se bastante dividida. Comprova esta afirmação o facto de 82,2% das explorações terem menos de 5 hectares. Verifica-se também que só os tempos livres da ocupação principal é que são ocupados na agricultura e a quase totalidade da mão de obra empregue é do produtor ou do seu agregado familiar. Estas algumas das conclusões de um trabalho efectuado por um grupo de professores da Escola Secundária do Dr. Manuel Laranjeira.

No sector industrial, onde as conclusões não são tão evidentes poder-se-á dizer que Espinho, integrado em todo o distrito de Aveiro, ocupa o 8.º lugar em número de empresas transformadoras com 4,88% do total. O sector mais representativo é aquele que se ocupa da madeira, cortiça e mobiliário, cabendo ao da borracha, química e produtos minerais não metálicos a menor quantidade. As empresas da Indústria Transformadora atingem o total de 161, albergando um número de 5.680 postos de trabalho.

— PÁGINA 5

PINTAR NA RUA

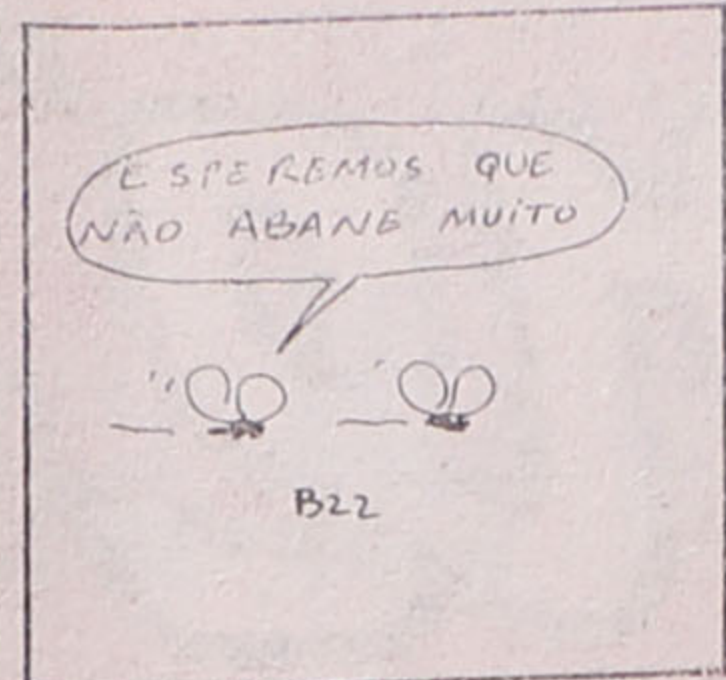
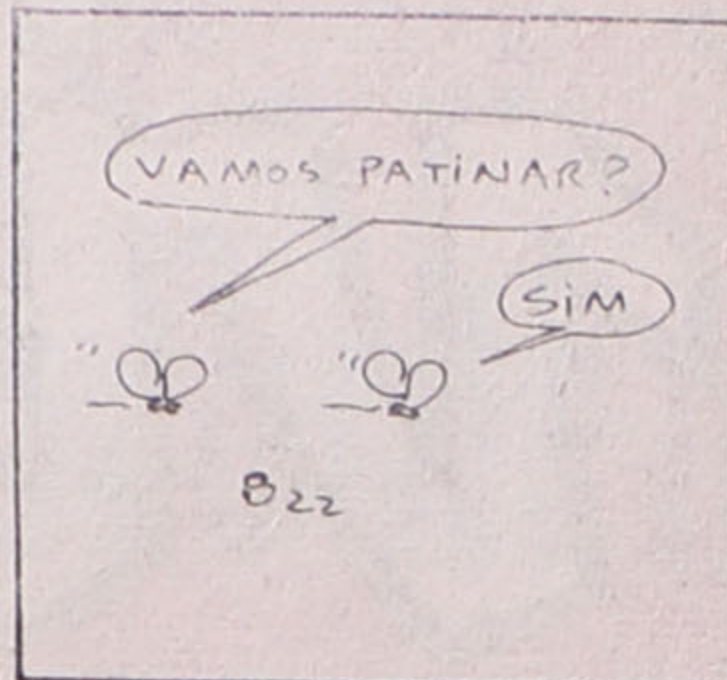


Foi assim no Sábado, frente à Piscina

— PÁGINA 5

BANDA DESENHADA

Colaboração do
Atelier de Animação da Nascente



FONSECA
TECIDOS
MODAS
Rua 19 n.º 275 - Tel. 720413
ESPINHO

TUCÁTULÁ

Mas apesar de tudo, este diálogo (?) imaginário com o leitor, você aqui e agora, continua prolongado ao longo de todas as semanas. Para quê? e porquê? Sobretudo e também para dar um tom de mais intimidade entre quem faz este jornal (alguém do lado de cá) e quem o lê (entidade que por ele passa os olhos). Forma de conversa na qual insistimos por importante que é, e porque acreditamos mais que somos lidos e acompanhados semana a semana cada vez com maior interesse. E embora ele (diálogo) fale de uma coisa comum, o Maré Viva, ele também se reveste de aspectos sempre diferenciados, o conteúdo desse Maré Viva.

E dito o que foi escrito, convém desde já realçar que este

é mais um número em que vamos buscar assunto longe deste cómodo viver que é, cada vez mais, o dia a dia desta nossa cidade. Referimo-nos concretamente a um lugar recém criado, de forma estranha, embora ainda desconhecido para muitos e que alberga muitas famílias. Além do Rio é o seu nome. Fica na Freguesia de Anta e as suas construções são quase todas clandestinas, mesmo que requintadas. É pois também esta a nossa missão, dar a conhecer o que é desconhecido. Mas ainda nesta linha, vai a nossa (vossa) atenção para a grande entrevista. Um homem de todos conhecido, mas que terá também muito para nos revelar da sua experiência. Na página da cidade procura-se a notícia no meio desta rotina instalada.

«Coisa» de muito interesse até pelo seu aspecto de novidade entre nós é um estudo feito por um grupo de professores em formação da Escola Secundária do Dr. Manuel Laranjeira, sobre o estado da Agricultura e a Indústria neste concelho. Mais (?), há certeza. E se até agora passamos a revista, ainda que incompleta ao jornal habitual de todas as semanas, é agora tempo de falar num caso único da imprensa regional. O Suplemento Desportivo, onde esta semana se insere um depoimento do autor do projecto da bancada do Avenida, Arq.º Veiga de Macedo; uma visão do que vão ser os saraus de ginástica da AAE e do SCE, e a situação do Espinho cada vez mais perto da 2.ª divisão quando as esperanças estão unicamente na liguilha.

E esta semana está tudo, só dizer que antes de 5.ª feira, altura de sair o jornal, damos-lhe um cheirinho todas as 4.ªs entre as 11 e as 13 horas na Rádio Porto.

RASCUNHOS

No local onde existe (talvez por pouco tempo mais) o «On-da», era terreno inaproveitado, que fazia parte do domínio Marítimo ou do património municipal. Por iniciativa particular, uma sociedade resolveu fazer a audácia de ali construir um rink de patinagem. Piso de cimento, uma pequena bancada desmontável a poente, um balneário como que a fingir, umas dimensões hoje inaceitáveis.

Aí começou o hóquei em patins da Académica, sempre com muitas dificuldades porque a empresa construtora do recinto não o fizera para dar nada a ninguém mas sim para tirar todos os rendimentos possíveis. Até que, por força das condições impostas quando da execução da obra, o período de exploração do recinto caducou e ele entrou em plena posse da Câmara. Câmara que, muito naturalmente o entregou ao clube, a única entidade que efectivamente lhe dera vida intensa e que, sem ele, teria que desistir da modalidade que ganhara algum nome.

Porque os balneários já eram propriedade privada houve mosquitos por cordas até que a Académica se viu inclinada em definitivo. Foi então o tempo de construir uma bancada de cimento, de fazer um peão com uma rampa cimentada, conseguir quem subsidiasse a aquisição das lonas para vedar o recinto à visão de quem não quisesse pagar bilhete de ingresso nos espectáculos.

Quando chovia aquilo era um

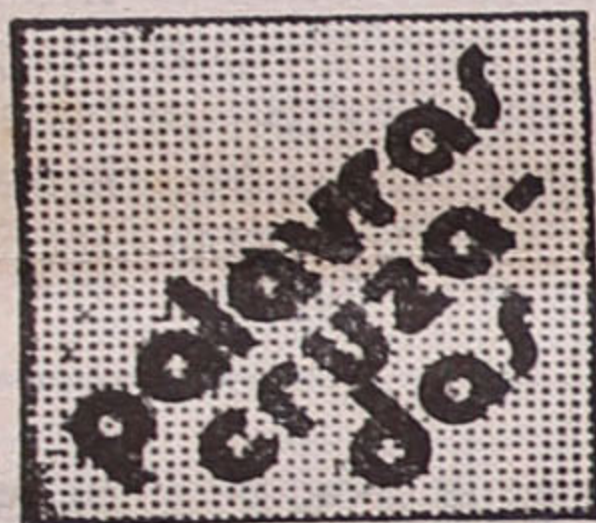
autêntico charco e não poucos jogos tiveram que ser adiados porque isso de hóquei aquático nem hoje ainda existe. A situação junto ao mar em noite de nortada fazia dos espectadores verdadeiros heróis. Mas o recinto ficava à pinha (este à pinha pode bem à vontade situar-se bem abaixo dos 400 cidadãos) quando era dia de cá vir o Académico do Porto ou o Infante, «grandes» do hóquei nortenho que então vivia à custa de muita carolice de dirigentes e de suor generoso dado gratuitamente pelos patinadores. Outros tempos...

Entre os inefáveis assistentes regulares destes prélios históricos, um que não faltava nunca era o Padre Pinho, que durante largos anos e quase até à sua morte paroucou a freguesia de Anta. Ele era um dos mais entusiasmados dos entusiastas apoiadores da Académica. Batia palmas aos golos nossos, abatia-se com os dos adversários, protestava contra as violências dos opositores, calava-se com as dos «seus» barafustava com aquilo que considerava «asneiras» dos árbitros. Mas mesmo assim procurava limitar as suas manifestações para que a sua qualidade de sacerdote não fosse beliscada. Mas um dia não pôde aguentar os distantes de um dos homens do apito, levantou-se na bancada e saiu-se com esta: «Matem esse sacana que eu enterro-o de borla!».

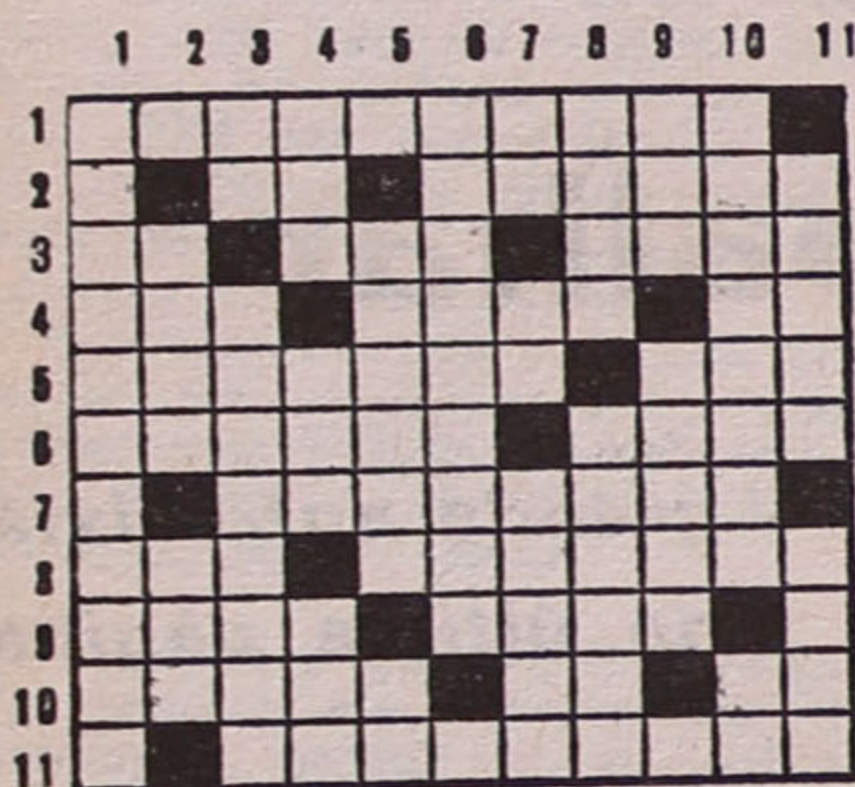
Carlos P. Morais

desta com gin dá uma boa bebida; lute. 7 — Quem assim está, está bem avisado. 8 — Em Hollywood havia um O'Brien assim; esta é uma asiática. 9 — Também andou por Hollywood um Von Stroheim que assim se chamava; este automóvel é fabricado na Alemanha. 10 — São uns ricos bocados de fígado fritos; isto é *aluminio*; este é o primeiro primo. 11 — Sofre desta doença quem tem a obsessão das compras.

conselheira assim; as rolhas fazem isto às garrafas. 8 — Quando o peixe a morde fica preso ao anzol; há quem a tenha nos olhos. 9 — Esta é especializada em se intrometer nos negócios de países a que não pertence; na Universidade este é que marcava as faltas. 10 — Sobrecarreguemos; aqui é um ai. 11 — Se em vez de um s tivesse um x era um interrogatório; quem desta sofre não deve nem pode fumar.



N.º 20



HORIZONTALIS

1 — Este refere-se aos nomes próprios. 2 — O til torna-se saudável; faça-o ao ignorante porque é uma obra das de misericórdia. 3 — Está no meio do colo; este ficou agora sem deputados ecológicos; falta-lhes um sinal para serem perros. 4 — Mal acaba quem assim começa; não aprenda as coisas por esta mas profundamente; os egípcios adoravam-no. 5 — Esta é mesmo inocente; não há mal que sempre dure e este também acaba. 6 — Água

VERTICAIS

1 — Palavra assim imita sons característicos. 2 — Havia uma cantiga que dizia ao José para o apertar; esta é longa e a *vita brevis*. 3 — Ainda gostava de saber onde é que os cruzadistas descobriram que isto é convites; este tem os pés na terra mas por vezes não parece. 4 — Ministério da Agricultura e Pescas; assim começa o cilindro; e deste modo começa o Canadá. 5 — Há quem as faça para pedir chuva; é a última de sete. 6 — O Maré Viva é-o. 7 — O Ateneu perdeu as vogais; a ira é uma

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 19

HORIZONTALIS: 1 — Publicidade. 2 — Rui, Ário. 3 — Falência, M.P. 4 — III, E.T.A., ale. 5 — Ls proves. 6 — Presagiei. 7 — Triei, sa, ta. 8 — Errado, siam. 9 — Adeus, ono. 10 — Ir, ossários. 11 — Aias, escol.

VERTICAIS: 1 — Filatelia. 2 — Urais, rr, ri. 3 — Buli, pira. 4 — Lie, peados. 5 — Nereides. 6 — Cactos, ouse. 7 — Iriavas sas. 8 — Dia, Egas, rc. 9 — Ao, asi, ió. 10 — ML, etanol. 11 — Expediamos.

INTEGRADO NO DIA MUNDIAL DA CRIANÇA

A Secção da Criança da Cooperativa Nascente organiza uma recolha de brinquedos usados para enviar para uma creche de crianças carentes em Angola.

Entregas na sede da Coop. Nascente das 15 às 19 horas.

Depósito Legal 2048/83

MARÉ VIVA

SEMANÁRIO

Director: NUNO BARBOSA

CHEFE DE REDACÇÃO — Jorge Lopo
REDACTORES — António Afonso, David Pontes, Idalina Pedrosa, João Barrosa, Joaquim Peito, Manuel Fonseca e A. Moreira da Costa
REPORTAGEM FOTOGRÁFICA — Idalina Pedrosa e Joaquim Peito
COLABORADORES — Carlos P. Morais, Carlos, Rosas, Fernando Tomás e Victor Sousa
PAGINAÇÃO — Augusto Mota, João Barrosa e Manuel Fonseca
CORRESPONDENTES — Antero Monteiro (S. P. de Oleiros), Antenor Pereira (Silvalde), António Pinto (Moselos), Henrique Ribeiro (Fiães), Henrique Sil (Anta), Joaquim Devesas (S. Félix da Marinha) e Manuel Santos (Guelzim)
Propriedade da Nascente — Coop. de Acção Cultural — Redacção: Rua 62, 251 - Telef. 721621
Composição e impressão: Tipografia Meneses — Cooperativa Gráfica de Espinho, S. C. R. L.
Rua 14 n.º 903 — Telef. 721016
Tiragem deste número: 2000 ex.

E para constar se mandou publicar e afixar este edital e outros de igual teor nos lugares públicos e de estilo.

Espinho, 26 de Maio de 1983

O Presidente da Assem. Munic.

José Augusto Ferreira de Campos

SAÚDE PÚBLICA EM PERIGO

Cães envenenados
ao cimo da Rua 23 ?

O alerta chegou-nos quando a situação já era insuportável para quem a vivia (ou cheirava) de perto. O motivo era, simplesmente ou não, um, dois cães mortos. O seu estado de decomposição e o cheiro que largavam em redor era tal que trazia os moradores da zona bastante indignados. Comunicaram às entidades competentes e, depois de algumas voltas, lá se removeu um dos animais. O outro nunca mais ninguém soube dele.

O primeiro contacto veio até nós através do Dr. Casimiro Milheiro que começou por nos relatar que ao chegar a sua casa, no cimo da rua 23 e junto à central de telefones, se apercebeu do cheiro perfeitamente nauseabundo que pairava nas imediações. «Ao entrar em casa — diz-nos — a minha mulher disse-me que esse cheiro era proveniente de

um cão morto mesmo em frente da minha porta e que uma senhora já tinha ido à polícia participar o facto». Eram 11 horas e a indignação do nosso interlocutor era visível. «Dirigi-me então à polícia — continua — para ver o que se podia fazer. Obti como resposta que já haviam comunicado ao chefe dos lixeiros. Depois telefonei para o Delegado de Saúde mas este não se encontrava em casa. Em seguida fui a casa do Presidente da Câmara mas deram-me o recado de que este já se encontrava, muito naturalmente na sua idade, na cama. Agora só me resta ir dormir e aguardar».

No dia seguinte dirigimo-nos ao local. Constatamos, segundo a opinião de vários moradores que dois cães mortos ali se encontravam à perto de 10 dias. Esta era também a opinião do

funcionário da Câmara que tinha procedido ao «funeral» do animal, momentos antes. São suas estas palavras: «aquilo já devia estar ali há tanto tempo pois até me foi difícil remover o corpo porque ele se desfazia todo quando lhe punha a pá. O cheiro era tal que até me deu as voltas à tripa». Um verdadeiro atentado à saúde pública. Mas a informação vem dos moradores. «Aquilo foi obra de alguém que envenenou propositalmente os cães».

Resta-nos apenas manifestar a nossa estranheza perante a actuação tão tardia de alguns moradores, tendo-se apercebido tão cedo do estado dos animais e por os funcionários da Câmara não o tenham detectado sabendo-se que, como é normal, ser aquela uma zona com recolha de lixo.

TAPUME DO APARTHOTEL

Um atentado à
nossa segurança ?

Várias têm sido as vezes em que temos nestas colunas dado conta da forma menos cuidada, e tão perigosa em certos casos, como são efectuados os trabalhos de manutenção e a salvaguarda da integridade física do cidadão, na construção civil em Espinho. São as constantes «invasões» do espaço reservado à passagem de peões ou automóveis quando em certas situações nem sequer é solicitada qualquer autorização para o efeito como foi o caso que relatamos aqui há duas semanas.

Seria pois, por tudo isto e até pela grandiosidade da obra e pela quantidade de máquinas que põe em movimento, inevitável falar aqui do empreendimento que a empresa Soares da Costa está a levar a efeito ao lado do casino. Em primeiro lugar impõe-se dizer que depois de a Câmara ter mandado esta

entidade recuar a cerca que circunda a obra e de ela o ter feito, a ocupação do espaço exterior a essa cerca com tijolos, pedras e demais materiais, tem sido permanente ao longo da sua duração. Em segundo lugar um aspecto que já foi também abordado por nós, embora tivesse passado despercebido. Falamos da parte da rua 21 onde o tapume, depois de se ter aguentado todo este tempo, acabou por ceder e cair com todos os perigos que isso constituiria se alguém fosse a passar naquele momento.

A passagem já foi porém desobstruída, só que não da melhor forma. Um ferro apenas, sustenta todo aquele aglomerado de madeira. Embora a obra já esteja em fase de conclusão julgamos que isso não é razão para se descuidar questões tão importantes como a segurança das pessoas.

Rally de Automóveis Antigos
foi apresentado

Em conferência de imprensa realizada no passado dia 26 do mês findo, na Sala de Bridge do Casino, o Club Português de Automóveis Antigos, deu a conhecer aos órgãos da comunicação social o programa deste rally que vai para a estrada a partir do próximo dia 2 e que termina no dia 5 com o patrocínio da Solverde. O Director das relações públicas do C. P. A. Antigos, Alvaro Camiña começou por dizer que «o club realiza todos os fins de semana desde Março a Outubro, à excepção de Agosto — mês de férias — manifestações desportivas. Para este ano estão previstas 22 realizações». Salientou ainda que «a ideia de que o automóvel antigo é uma peça de museu o club está interessado em que este seja uma peça viva que recorde às pessoas a evolução do automóvel ao longo dos tempos».

Em seguida Raul Tavares presidente do Club e Director da Prova, dirigindo-se aos jornalistas referiu o que será

este rally Solverde, que tem um percurso de 300 km, entre o Buçaco e Espinho.

«Este rally conta com a presença de 52 participantes, dois dos quais estrangeiros, um espanhol e outro inglês que vem propositalmente de automóvel de Inglaterra para participar no certame. A prova começa com a concentração de todos os carros no Buçaco. Depois, haverá a verificação técnica dos veículos e respectiva documentação. O certame está distribuído por 4 etapas entre o Buçaco e Oliveira do Hospital, Oliveira do Hospital e Mangualde, Mangualde e Caramulo e finalmente entre Caramulo e Espinho, estando prevista a chegada a Espinho cerca das 18 horas junto da Corti. Os carros ficarão aparcados para exposição ao público na garagem do Aparthotel. Cerca das 20 horas serão afixados os resultados da prova. À noite haverá um jantar com distribuição de prémios». O Club Português de Automóveis Antigos pretende com es-

tas provas promover o turismo e para além do aspecto competitivo das provas levar a tantas localidades quanto possíveis o automóvel antigo, a descoberta das populações do automóvel e dos participantes ao encontro das vilas e cidades do país e não um encontro gastronómico como possa parecer. Finalmente, e a avaliar pelo programa distribuído aos órgãos da comunicação social, que está minuciosamente elaborado, o rally será certamente um êxito.

Vieira da Cruz

MÉDICO

CLÍNICA GERAL

Consultório:

Rua 31 n.º 321 - Tel. 724401

4500 ESPINHO

Snack-Bar Katkero

António Carlos Brites Marques

Especialidades: Moelas, Papas, Frango caril.

Grande variedade de petiscos

Sala para: Casamentos, Baptizados, Comunhões e Reuniões

Rua 15 n.º 270 — Telef. 723168 — ESPINHO

RAICA

PRONTO A VESTIR

INSTITUTO DE BELEZA

Rua 62 n.º 101 - Tel. 722896

ESPINHO

Casa MARRETA

Pedro da Silva Lopes

Especializada em:

Arroz de marisco, Lulas,

Enguias, Caldeiradas, Açorda

de peixe, Bons vinhos

RUA 2 N.º 1355 — ESPINHO

TELEF. 720091

FERNANDO
RODRIGUES LIMA

TRAVESSA DA RUA 5

TRASEIRAS DA GARAGEM SOUSA — TELEF. 721739

Distribuidor dos papeis COLOWALL com nova colecção acabada de sair, VIMURA PARÊTA, PARATI, etc.

Pavimentos para cozinhas e casa de banho; Alcatifas, etc.

ORÇAMENTOS GRATIS

Casa especializada em artigos para Noivas
Acompanhantes, Comunhões, Lingerie e Pré-Mamã

ESPOSABELA

Rua 12 n.º 589 — Telef. 724203 — ESPINHO

Alunos da "Manuel Laranjeira"
foram à XVII EXPO

Finalmente realizou-se na passada semana, nos dias 24 e 25 de Maio o tão esperado passeio/visita de estudo a Lisboa à XVIII Exposição sobre Arte e Cultura do Renascimento.

Distribuídos por 4 autocarros alunos e professores gozaram de franco convívio até à chegada à capital.

Dos vários núcleos da Exposição foram visitados o Mosteiro e a Igreja da Madre de Deus, o Mosteiro dos Jerónimos, onde se observaram valiosas e originais peças da época renascentista e a Torre de Belém expondo a Armaria em Portugal

nos sécs. XV e XVI.

As visitas tiveram a orientação dos professores e algum apoio dos monitores ao dispor dos visitantes.

As instalações de repouso e dormida distribuíram-se por 4 albergues para a juventude, situadas dentro da cidade e arredores.

Foi de facto uma iniciativa valiosa não só como enriquecimento cultural para todos os que nela participaram, mas também alertou para um problema um pouco desprezado por todos nós, o da defesa do nosso património cultural.

JCP promove Acampamento pela Paz

Vai-se realizar nos próximos dias 10, 11 e 12 de Junho um Acampamento pela Paz, no Furadouro em Ovar.

Esta iniciativa organizada pela Juventude Comunista Portuguesa (JCP) do Distrito de Aveiro, insere-se na preparação

e apoio que se está a dar ao Festival Internacional «DÊM UMA OPORTUNIDADE À PAZ».

Durante o Acampamento, além do convívio haverá filmes, fogo de campo, música e desporto.

Esta iniciativa terá lugar no mesmo local onde há vários anos a JCP leva a efeito estes acampamentos.

JUVENTUDE SOCIALISTA

Estão abertas as inscrições na sede do Partido (ângulo das ruas 5 e 16), para militantes da Juventude Socialista, todos os sábados à tarde. Para mais detalhadas informações sugere-se um contacto com Paulo Garcia.

GRUPO DE JOVENS DA
PARÓQUIA DE ESPINHO

Os jovens interessados em fazer parte do grupo da paróquia desta cidade, para a prática de actividades culturais e religiosas, devem dirigir-se a: Paulo Garcia — no Salão Paroquial todos os domingos de manhã, a partir das 9 horas.

Nós e o Leitor

Da Associação Cantinho da Ramboia FC recebemos a seguinte carta:

Em resposta às palavras do sr. Furriel Ruano, proferidas na última Assembleia Municipal e das quais o Vosso Jornal dá conta em artigo publicado em 26/5/83, em que considera a Associação Cantinho da Ramboia FC como uma colectividade de Sábado à tarde F.C., vem esta Associação dar resposta:

1.º — Consideramos estas afirmações gratuitas, o que não deixa de ser lamentável, porque sendo o sr. Furriel Ruano um homem que já ocupou o pelouro do Desporto deveria ter conhecimento que esta Associação tem estatutos aprovados e publicados no Diário da República e tem várias modalidades para além do futebol. Se ainda não têm posto algumas em prova é porque não lhe dão o que têm tido outras colectividades, não consideradas de «Sábado à

tarde F.C.». Parece-nos no entanto que se tem havido subsídios para Associações Recreativas e Culturais, também devíamos fazer parte desse grupo.

2.º — O sr. Furriel Ruano devia era ter mais respeito por esta Associação porque ela já pisou terrenos que esse sr., como homem do Desporto (se é que alguma vez o foi), nunca porá lá os pés. Damos como exemplo o Estádio Nacional e vários encontros disputados no estrangeiro. Julgamos se alguma vez tivesse conhecimento disso não falava assim.

3.º — Esperamos que afirmações deste género não voltem a aparecer e que se cumpra o que tem sido prometido ao Desporto Amador. Fala-se tanto em praticar desporto mas não se diz onde. A única modalidade que se pode praticar é o atletismo e mal (vários problemas têm surgido), porque o futebol só se fôr na praia.

Dr. Pinheiro de Moraes ao Maré Viva

nha doença. Parar de trabalhar é morrer...

MV — Vai continuar a intervir na vida do seu país?

JPM — Na medida das minhas possibilidades, sempre, enquanto tiver um sopro de vida!

O Dr. Joaquim Pinheiro de Moraes é uma figura franzina. No entanto na-

quele corpo há uma vida interior de uma riqueza inestimável. Há a luta de todo um povo que durante 50 anos resistiu a umas das mais ferozes e tenazes ditaduras da Europa. Há também toda a ternura e humanidade de um grande médico que dedicou a sua vida a cuidar do sofrimento dos seus semelhantes.

continuação da última página

Aprovada revisão do CCTV dos Químicos para 1983

No nosso jornal do passado dia 16 de Maio a falta deste título na rubrica «Greves do Sector Químico», tornou, se não imperceptível pelo menos confusa, uma notícia que pretendia chamar a atenção para a forma como decorreu todo o processo de negociações.

Segundo o STIQN (Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Norte) enquanto decorriam as negociações entre Sindicatos e entidades patronais, algumas empresas como a Hércules, Cetap, Eurospuma, etc., não hesitaram aumentando antecipadamente os seus trabalhadores.

Com estes aumentos, em muito inferiores aos que então se negociavam, e que agora foram aprovados, as empresas acima referidas, procuravam desmobilizar os trabalhadores, sabotando desta forma a revisão em curso.

Para o STIQN, as entidades patronais uma vez mais, como já vem sendo habitual, contaram com os serviços do SIND/UGT, que através de um «pseudo-acordo» se preparava para «vender (ao desbarato) os interesses dos trabalhadores».

Conscientes das dificuldades a vencer, os trabalhadores Químicos tudo farão para levar à prática a Revisão agora conseguida e que, segundo eles, não foi tarefa fácil.

7.º Aniversário da Nascente

UM PROGRAMA DIVERSIFICADO

Maio é mês de festa na Nascente, época em que mais um ano de vida da Cooperativa se cumpre, neste caso o sétimo. Habitualmente pretexto para um maior e mais diversificado conjunto de iniciativas culturais, também este ano não foge a essa regra já obrigatória.

E a primeira realização teve lugar no própria dia de aniversário da Cooperativa, 21 de Maio. Tratou-se do 2.º Encontro de Activistas, de que já demos notícia na passada semana. Logo a seguir, a 28, foi a vez de uma realização voltada para os mais miúdos, que noticiamos noutra local desta edição.

Isto o que já se passou. Vamos agora ao que ainda irá realizar-se. Desde já, destaque para o espectáculo de teatro que tem lugar hoje mesmo, dia 3, no salão da Piscina, com a presença de uma companhia profissional de Coimbra, «Bonifrates». Oportunidade para os espinhenses terem acesso, tão raro entre nós, a teatro e de qualidade. A não perder. Teatro que houve também no dia 2, desta vez com o TPE, apresentando o «Auto da Barca do Inferno» para as escolas.

Igualmente a não perder é o sarau cultural que será apresentado no próximo dia 10 à noite, também no salão da Piscina. Trata-se de uma iniciativa que procura divulgar em Espinho, e dentro do possível, o significado da XVII Exposição

Europeia sobre os Descobrimientos Portugueses e a Europa do Renascimento. Daí que todo o espectáculo, em moldes algo inéditos em Espinho, esteja centrado sobre diversas formas culturais daquela época. Nele participarão algumas secções da Nascente, com destaque para o Teatro e o Coro que apresentarão os seus mais recentes trabalhos, respectivamente uma montagem do «Auto da Barca do Inferno» de Gil Vicente e o espectáculo intitulado «Mudam-se os Tempos», com base nas transformações sociais, científicas e culturais daquele importante momento da história da humanidade. Convidados especiais do sarau serão o Grupo de Música Antiga, agrupamento profissional que apresentará música ibérica da Renascença, que tocam e cantam com grande qualidade, e o Ballet da Academia de Música de Espinho, que participará através de alguns dos seus elementos na interpretação de uma coreografia com música de época. Presentes estarão ainda os responsáveis pela condução do seminário que sobre o mesmo tema o Centro de Estudos da Nascente organizou ao longo de várias semanas.

Mas as iniciativas não ficam por aqui e nos fins-de-semana seguintes outras realizações serão levadas a efeito. Delas daremos notícia no nosso próximo número.

Antenor Pereira

AGÊNCIA DE CONTRIBUINTES
CONTABILIDADE E CONTENCIOSO
MEDIADOR DE SEGUROS

Rua da Fonte - Silvalde — Tel. 723489 — ESPINHO

VISTA OS SEUS FILHOS
NA

BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

CAN - CAN II

BOITE PIANO BAR
DISCOTECA

O seu ponto de encontro
Bastante requinte para que se sinta bem, durante o seu Drink.

Aberto de 2.ª a 6.ª feira, das 21 às 02 horas
e às 6.ª feiras das 21 às 03 horas.

RUA 18 N.º 615 — TELEF. 723442 — ESPINHO

Milton Pinho
Glória Rodrigues

SOLICITADORES

RUA 28 N.º 583 - R/C
TELEF. 720584



Faça-nos uma visita e ficará cliente

Avenida 24 n.º 827 — Telef. 721630 — ESPINHO

RESTAURANTE * SNACK-BAR

Sob a gerência do Aquário Marisqueira

ABERTO ATÉ AS 2 HORAS DA MANHÃ

PRATOS REGIONAIS

SERVIÇO A LISTA

MARISCOS SEMPRE FRESCOS

SALA PARA BANQUETES

Machado Peralta

MÉDICO

Consultório:

Rua do Calvário — Silvalde

Residência:

Rua 11 n.º 868 - Tel. 724176

4500 ESPINHO

PARA COMPRAR BOM CAFÉ

Casa ALVES RIBEIRO

Torrefactor de Café

ESTABELECIMENTO DE VENDA AO PÚBLICO

RUA 19 N.º 294

ESPINHO

VALLY

PRONTO A VESTIR

VISITE-NOS

Ângulo das Ruas 19 (n.º 416) e 18 (n.º 580)

MODAS E CONFECÇÕES PARA HOMEME
E SENHORA

Gomes & Gomes, Lda.

TELEFONE 721237

Gerência de José Gomes

Talho e Carnçutaria

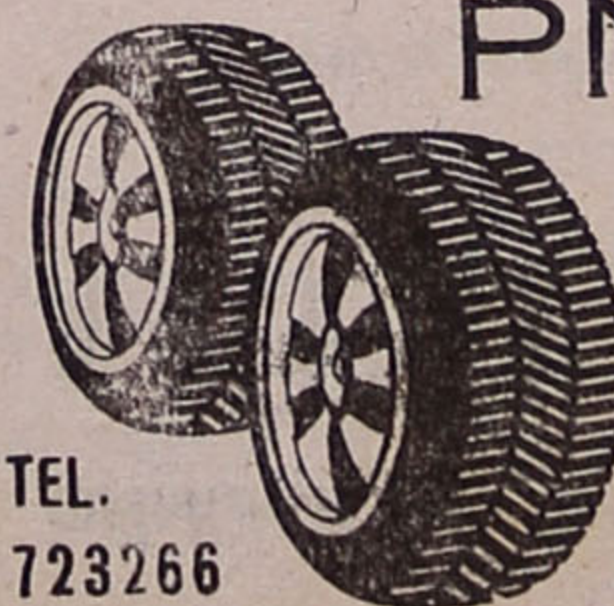
CENTRAL

Joaquim F. Nogueira da Fonseca
(RAIMUNDO)

BOAS CARNES — SERVIR BEM

Rua 15 n.º 268 — ESPINHO

Tel. 721929



TEL.
723266

PNEUS CAR

Centro de Vendas de Pneu
Nacionais e Estrangeiros

Assistência Técnica

— Equilíbrio de Rodas

— Alinhamento de Direcções

— Vulcanização de Câmaras

R. 18 - 1010 (R. da Igreja) - ESPINHO

SUPLEMENTO DESPORTIVO

maré viva

N.º 8
JUNHO
1983

O COMPLEXO E A «VIA DO DIÁLOGO»

Legitimamente, os dirigentes do Sp. Espinho puseram ombros à renovação do património do seu clube. Primeiro o relvado, agora a bancada, tornaram-se obrigatórios face às responsabilidades que o futebol do clube assumiu no âmbito competitivo.

Trata-se de um enorme sacrifício financeiro, que o adiamento do processo de construção do complexo desportivo tornou obrigatório. E bem esperaram os responsáveis do SCE, na expectativa do município contribuir para a resolução, por aquela via, do seu problema. Esperaram até demais, para alguns...

É por isso natural que as atenções dos espinhenses se tenham agora virado para o bonito relvado e se quedem na contemplação da bancada que há-de ser no Avenida. Como também não deixa tudo isto de ser extremamente conveniente para os que se vêm opondo à concretização do Parque Desportivo municipal.

Ao SCE não se podem atribuir responsabilidades no esquecimento em que vai caindo o Complexo, pois apenas se lhe pode pedir, nesta altura, que defenda os seus interesses mais directos. Mas já ao poder local, a quem cabe representar os interesses da população, será de exigir que não se «distraia» com o rumo que vêm tomando os acontecimentos.

Especulamos, mas o silêncio a isso dá mão livre, o clima de suspeição não pode deixar de se instalar e as interrogações crescem quanto à eficácia e os objectos da «via do diálogo» que serviu de mote a muito da campanha eleitoral. Sobretudo quando esse diálogo se dirige a quem está habituado a fazer tábua rasa de todos os interesses que não sejam os seus.

Aguardam-se, da Câmara, notícias que nos venham dizer que, afinal, o que parece não é.

BANCADA DO AVENIDA RADIOGRAFADA

- Depoimento do autor do projecto, Arq. A. Veiga de Macedo
- Dois andares, quatro pisos recheados «com todos»
- ...mas nunca menos de trinta mil contos

— PÁGINA III

Sp. Espinho a um passo da II Divisão

- Em Portimão, a derradeira esperança de chegar à «liguilla»

Não parece poder vir a confirmar-se a previsão que aqui fizemos há um mês, de que ao Sp. Espinho deveria sair a «liguilla». Era o que considerávamos como mais provável, mas não deixámos de admitir hipótese mais gravosa, para o que recordámos o percurso muito fácil que o Marítimo tinha pelo caminho.

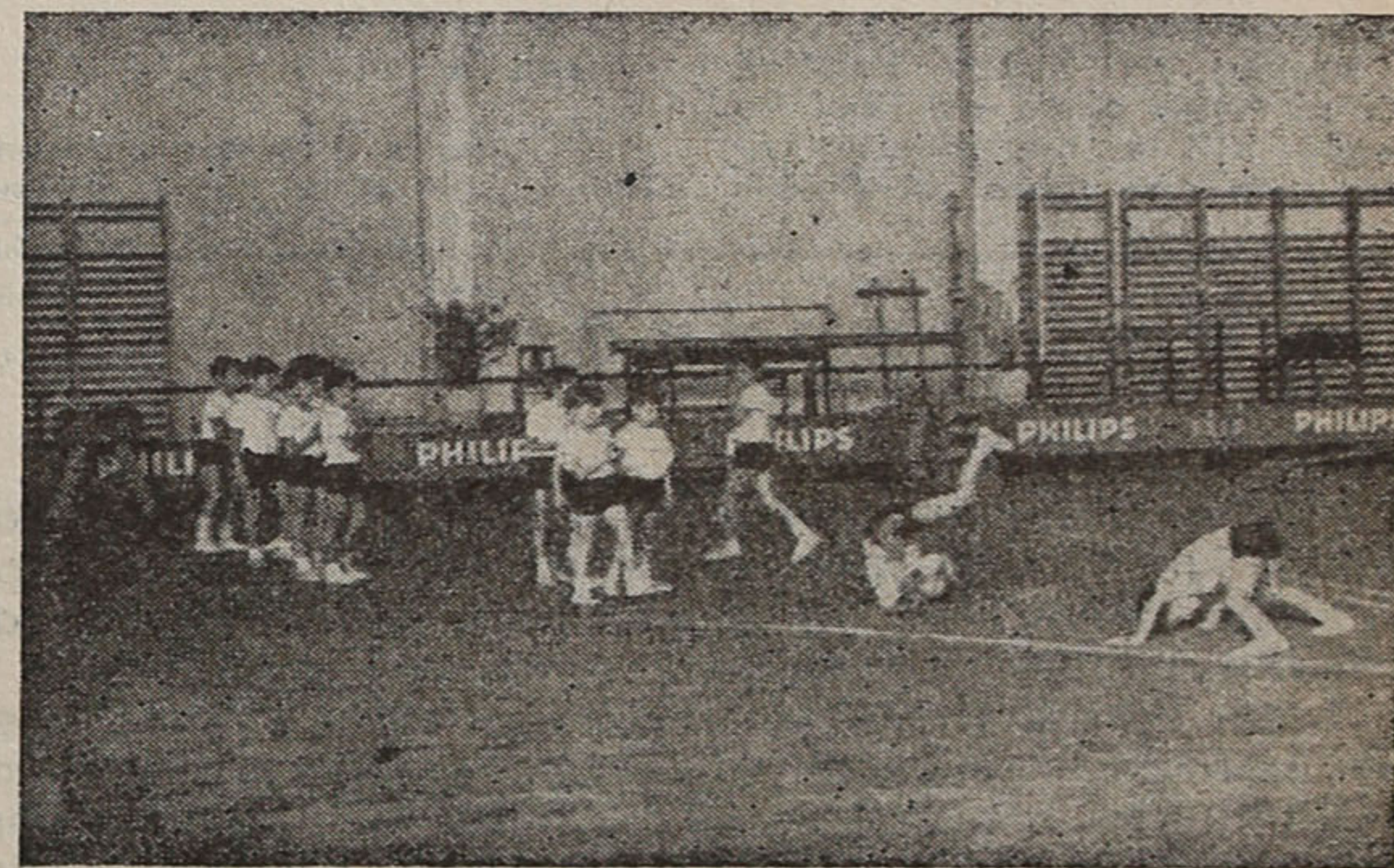
Ao SCE correu tudo pelo pior.

Não só a infelicidade que o perseguiu nos jogos no Bessa e em Vidal Pinheiro, mas sobretudo a forma estranha como correram alguns encontros entre terceiros. De facto, partidas como o Amora-Marítimo e o Guimarães-Portimonense não abonaram nada quanto a empenho das equipas visitadas e vieram repetir situações infelizmente já habituais nas ponta finais dos

campeonatos de futebol.

Resta ao SCE vencer o Estoril e esperar que em Portimão aconteça o que seria natural em circunstâncias normais. Mas se assim não for, não será o funeral do clube. Subida à I divisão e descida à II continuarão a ser forçosamente, pelo menos a médio prazo, incidências habituais na história futebolística do Sp. Espinho.

JUNHO — MÊS DOS SARAUS DE GINÁSTICA



AAE, no dia 9, e SCE, no dia 17, terão os seus Saraus, a encerrar mais um ano de trabalho

RESTAURANTE

O PADRINHO

SNACK - BAR

COLABORA COM O DESPORTO

Faça-nos uma visita
e aprecie
os deliciosos pratos

2.ª feira - Rancho à caçador

3.ª feira - Rojões à lavrador

4.ª feira - Tripas à moda do Porto

Domingo - Cozido à Portuguesa e bacalhau à Zé do Pipo

5.ª feira - Bacalhau à Braz

6.ª feira - Orelheira com feijão

Sábado - Chispe à transmontana



R. 24 n.º 697 - Tel. 720665

ESPINHO

GINÁSTICA — Nacionais de Ginástica Desportiva e Regionais de Rítmica Desportiva

● Ginastas da A. A. E. estiveram... e bem!

* Em Ginástica Desportiva, no escalão de 4.ª categorias (jovens dos 10 aos 12 anos), o representante da AAE — LUIS NETO — teve uma presença honrosa dando provas de um nítido progresso nas suas performances ao qual não é alheia a orientação do seu treinador Miguel Sampaio. As classificações foram as seguintes:

LUIS NETO — 3.º lugar da Cl. Geral; 2.º em Argolas; 2.º em Barra fixa; 3.º em Paralelas 3.º em Saltos cavalo; 4.º em Cavalo arçoes; 5.º Exercícios no solo.

Participaram nesta prova ginastas do FC Gaia, Torres Ve-

dras, GCP, SAD e AAE.

* Nos campeonatos regionais de 3.ª Cat. — Juniores e Seniores — em Rítmica Desportiva, realizados em Espinho no passado fim-de-semana, as ginastas da AAE, — Maria do Céu, Arminda Sousa, Maria Rosário e Margarida Quarenta, — tiveram uma participação deveras positiva bem patente nas 11 medalhas conquistadas nestas provas.

De lamentar apenas a perda do Título Regional de Seniores por parte de Margarida Quarenta que se viu relegada para a segunda posição. Mas dizemos de lamentar, porque a nos-

sa ginasta teria renovado o seu título, apesar de não ter estado na sua melhor forma, se não tivessem ocorrido casos nítidos de favoritismo em relação a ginastas de outros clubes.

De resto já na prova de Juniores a ginasta Maria Rosário acabaria, também ela, por ser vítima destes casos de «simpatia» pois apesar de ter vencido em dois dos três aparelhos possíveis e ficado em segundo lugar no restante não conseguiria mais do que o lugar de vice-campeã regional devido à pontuação (intencionalmente exagerada?) que a sua mais próxima adversária obteve no

primeiro aparelho.

De qualquer modo estão de parabéns as ginastas da AAE, como demonstram as suas classificações:

JUNIORES — Mov. Livres: Maria do Rosário, 2.º lugar; Corda: Maria Rosário, 1.º; Maria do Céu, 2.º; Bola: Maria Rosário, 1.º; Arminda Sousa, 3.º; Cl. Geral: Maria Rosário, 2.º; Arminda Sousa, 3.º; SENIORES

— Margarida Quarenta: Corda, 2.º; Fita, 3.º; Bola, 2.º; Cl. Geral 2.º lugar.

Todas as ginastas da AAE, ficaram apuradas para disputar os Campeonatos Nacionais, em Junho próximo.

Participaram nestas provas ginastas do CD Póvoa, BF Clu, be, AD Sanjoanense, FC Gaia, Sp. Espinho e da AAE.

HISTÓRIA DO DESPORTO (6)

RAGUEBI — Uma modalidade inventada por um futebolista frustrado

Corria o mês de Novembro de 1823. Em Inglaterra, no Colégio da cidade de Rugby, um jovem de 18 anos, William Webb Ellis, participava num jogo de futebol num dos relvados do seu Colégio. Como a sua equipa se mostrava incapaz de marcar um só golo que fosse, o jovem Ellis, em desespero de causa, pegou na bola (redonda) debaixo do braço, correu para a baliza e, perante o espanto de todos, fez um golo... à mão! Assim foi a génese de um Desporto que ultimamente tem tido uma certa divulgação no nosso País, graças, em parte às transmissões de encontros pela televisão.

UM POUCO DE HISTÓRIA

A oficialização definitiva do novo jogo deu-se em 1871, com a criação da Rugby Football Union. Antes ainda do final do século XIX a modalidade expandiu-se nas Ilhas Britânicas

e implantou-se na África do Sul, Austrália e Nova Zelândia. Na Europa Continental o desporto da bola oval fez-se através da França, país onde ainda disfruta de uma enorme popularidade. O Raguebi (assim, à portuguesa!) é a única modalidade que não tem o seu Campeonato Mundial. A única competição internacional de renome é o Torneio das Cinco Nações que se disputa anualmente, desde 1910, agrupando as equipas representantes da Inglaterra, Escócia, País de Gales, Irlanda e França.

No entanto, periodicamente efectuam-se digressões. Uma das mais importantes é a que é feita, por alguns países da Europa pela selecção da Nova Zelândia (os «All-Blacks»).

...E UMA SÚMULA DAS REGRAS I

O Raguebi é jogado com uma bola oval entre duas equipas

de 15 jogadores, em duas partes de 40 minutos cada. Cada equipa é constituída por um defesa, quatro três-quartos, dois médios e oito avançados. A pontuação está assim regulamentada: ensaio — 4 pontos; pontapé de transformação do ensaio — 2 pontos; pontapé de penalidade — 3 pontos, e pontapé de ressalto — 3 pontos. O jogo desenvolve-se num terreno rectangular, com o comprimento entre 95 e 100 metros e a largura entre 66 e 68,57 metros. As balizas são formadas por dois postes com um mínimo de 6 metros de altura, distanciados de 5,65 m. e ligados por uma barra transversal situada a 3 metros do solo.

Aqui ficam os pontos principais no que respeita ao raguebi uma modalidade desportiva que começa a ter uma certa divulgação no nosso País. Ou não fosse ela um «sucedâneo» do futebol...

ATLETISMO

VETERANOS NÃO PARAM

Representando os «Talhos António Dias», os atletas veteranos espinhenses mantêm-se em grande actividade, obtendo ao mesmo tempo bons resultados nas diversas provas em que participam.

Foi o caso recente das deslocções a Vila Real e a Valongo, onde os espinhenses obtiveram os seguintes resultados:

I GRANDE PRÉMIO DO SC VILA REAL (10.000 m.)

3.º — José Gomes; 5.º — Ilídio Silva; 6.º — Rogério Aluai; 15.º — António Almeida. Por equipas, os «Talhos António Dias» ficaram em 2.º lugar.

VI GRANDE PRÉMIO DE VALONGO (3.000 m)

2.º — Ilídio Silva; 4.º — José Gomes; 7.º — Rogério Aluai; 17.º — António Almeida. Os espinhenses venceram por equipas.

«CANTINHO DA RAMBÓIA»

HOMENAGEOU BETO LAURO

Realizou-se no passado dia 21 uma homenagem ao atleta da Associação Cantinho da Rambóia FC, Beto Lauro, com a disputa de dois encontros de futebol a assinalar a efeméride. O primeiro jogo, em velhas guardas, foi entre o Cantinho e o Tigres de Espinho FC com um resultado de 4-6 favorável aos Tigres de Espinho.

Depois seguiu-se a entrega de um troféu ao atleta homenageado e um encontro, também de futebol, na categoria sénior entre o Cantinho e o

Centro Cultural e Desportivo Torreira - Praia, cabendo desta vez a vitória ao Cantinho por 5-4. De realçar que os dois encontros decorreram dentro da maior correcção e em verdadeiro espírito de amizade.

Um dia depois, ou seja a 22, foi a vez dos iniciados irem até ao Campo do Esmójes onde defrontaram o Sporting local. No final dos 90 minutos registou-se um empate a duas bolas sendo de referir o bom futebol praticado pelos mais miúdos.

ESTA SEMANA

Antes de entrarmos propriamente no quadro dos resultados no que respeita às equipas e atletas espinhenses, serve esta introdução para saudar o feito de António Leitão, espinhense ao serviço do Benfica e que, em Verona (Itália), no decorrer da Taça dos Clubes Campeões Europeus de Atletismo, venceu a prova dos 5.000 m. com o tempo de 13 m. 27,90., bem como a conquistista por António Natário, do título nacional júnior dos 3.000 m. obstáculos.

Posto isto, passemos aos restantes resultados:

GINÁSTICA

Nos Regionais de 3.ª categoria de Rítmica Desportiva, as ginastas espinhenses estiveram em bom plano:

Juniores (Geral) — 2.º — Maria do Rosário Pereira (AAE); 3.º — Arminda Sousa (AAE). Seniores (Geral) — 2.º Margarida Quarenta (AAE)

HÓQUEI EM PATINS

Encer. de Juvenis — AAE, 4 — Carvalhos, 3
> > Infantis — AAE, 2 — Cer. Valadares, 4
> > Iniciados — AAE, 10 — Cer. Valadares, 0

VOLEIBOL

Nacional da 1.ª div. (seniores masc.)
SCE, 3 — CDUL, 0
SCE, 3 — ISEF, 0
1.ª Divisão feminina — SCE, 3 — CDUL, 0
SCE, 3 — Sportng, 2
Liguilha 1.ª/2.ª div. — AAE, 2 — Castelo da Maia, 3
Iniciados — Gueifães, 0 — SCE, 3

SALGUEIROS, 1 ESPINHO, 0

Quase de certeza que na última semana não houve nenhuma terra do País onde se fizessem tantas contatadas de cabeça como cá! «Se «x» empatar, se «y» perder, e (fundamentalmente!) se o Espinho trouxer um ponto de Vidal Pinheiro... estamos safos! Nem liguinha, nem nada!» E as cucas espinhenses trabalhavam, trabalhavam... Havia mesmo quem já deitasse foguetes e apanhasse as canas... Antes da festa, como se viu. Tudo saiu torto. Com muito azar para o Espinho, que nem sequer mereceu perder no terreno do Salgueiros, equipa que, diga-se, jogou um futebol primário, muito ao estilo pontapé para o ar e... quem vier atrás que feche a porta! Mas não há dúvida que os deuses não estavam propícios para os espinhenses. Houve, e dizemos isto sem a mínima

ponta de facciosismo, muita falta de sorte. Porque nervosismo foi coisa que até nem se notou muito...

No primeiro tempo, e tirando o golo salgueirista que foi um «acidente de percurso», tudo decorria mais ou menos normalmente. Isto porque estranhámos a não inclusão de Mória no onze inicial. Por causa disso, no miolo do ataque não estava ninguém! Vitorino na esquerda, Moinhos na direita e... ninguém na zona da verdade! Mas isso é outra conversa.

Na segunda parte, Mória entrou e houve outra dinâmica. Os ataques espinhenses sucediam-se e só não resultavam por faltar aquela pontinha de sorte q.b... Carolino tentou outra substituição: entrou Bábá (que até jogou bem) e tirou um avançado (Moinhos) que tinha cumprido

até aí. Só que uma coisa chamada azar estava entranhada na equipa, que jogou quase todo o segundo tempo só com dez elementos por expulsão de Serra por pontapear o massagista do Salgueiros; e se envolver com um jogador contrário que, por sua vez, também viu o «vermelho».

Enfim! Haja fé, para ir à liguinha. É preciso ganhar cá ao Estoril e fazer figas para que o Portimonense bata o Marítimo. A não ser que haja «jogadas subterrâneas», a esperança é a última coisa que se perde...

Sob a arbitragem (irregular) de Alder Dante, de Santarém, o SCE alinhou com: Mendes; Vivas, Balacó, Serra e Raul; Dinis, João Carlos (Mória, aos 46 m.) Pinto da Rocha e Carvalho; Moinhos (Bábá, aos 65 m.) e Vitorino.

Um azar nunca vem só...

Bancada do Avenida vai ter tudo

● *Arq. A. Veiga de Macedo privilegiou necessidades do clube*

Ainda preocupada com a satisfação dos compromissos assumidos com a implantação do relvado, a direcção do Sp. Espinho tem pela frente uma nova grande tarefa posta pelo campo da Avenida: a construção de uma bancada que condiga com as necessidades dum clube de futebol da I Divisão.

Um primeiro passo, importante, está já dado com a apresentação do projecto concebido pelo arquitecto A. Veiga de Macedo e já nesta altura objecto de cálculos por parte do eng. Justiniano Marques. Dada a grande envergadura financeira da obra, (certamente mais de 30 mil contos, segundo o arq. Veiga de Macedo) é de admitir que o Sp. Espinho venha a conhecer bastantes dificuldades na sua concretização e daí que já esteja em marcha o pro-

cesso de angariação de fundos.

E sendo assim, sabendo-se que em torno da nova bancada se irão movimentar muitos espinhenses empenhados, interessará conhecer com algum pormenor o projecto em torno do qual se vai travar mais esta etapa de luta pelo enriquecimento do património do SCE. O S.D. do «Maré Viva» encontrou no arq. Veiga de Macedo toda a receptividade para que esse esclarecimento se possa aqui fazer.

«A concepção do projecto resultou fundamentalmente de contactos que tive com a direcção do Sp. Espinho, e em particular com o dr. José Mendes, em que pude tomar conhecimento profundo das necessidades prioritárias a satisfazer. Os critérios seguidos tiveram por isso de ser os seguintes: apro-

veitamento máximo do terreno, economia e satisfação das necessidades básicas.

A exiguidade do terreno, sobretudo na zona sul, condicionaram bastante o projecto e obrigaram, nomeadamente, a deslocar toda a bancada para norte, que ficará por isso desfasada em relação ao centro do campo de futebol. Abrangerá praticamente o local onde se encontravam as antigas bancadas central e lateral norte».

SE HOUVESSE MAIS TERRENO

O aspecto arquitectónico foi por isso muito prejudicado?

«Claro que a bancada não será uma obra de arte, no sentido académico do termo. É mais uma tentativa de resolver os problemas, está orientada por uma concepção orgânica de funções, mas julgo que não deixará de ter a sua beleza, em especial a cobertura.

Ficou-se algo longe do ideal, só possível em outras condições de espaço. Nesse caso, a bancada

seria centralizada, teria sido possível uma menor verticalidade dos degraus, o problema dos acessos também teria sido resolvido de uma maneira mais eficaz.

Acresce ainda que o projecto foi feito um pouco sob pressão, durante as férias de Agosto, porque ao clube interessava estar na posse do projecto o mais rapidamente possível para accionar, suponho, os mecanismos de angariação de fundos».

O arquitecto Veiga de Macedo, apesar destas reticências, não escondeu o seu optimismo quanto à receptividade que a «sua bancada» encontrará nos seus utilizadores, público atletas ou dirigentes. E não deixou de recordar a sua ligação ao Sp. Espinho como atleta («fui campeão regional júnior de natação pelo Sp. Espinho») e de acentuar a satisfação que lhe dá ter podido desta maneira dar a sua contribuição a este esforço do clube e deixar de algum modo marcada a sua passagem pelos órgãos sociais do SCE. O arq. Veiga de Macedo, recorde-se, é membro da Mesa da Assembleia Geral do SCE.

MAS... ONDE BUSCAR OS 30 MIL CONTOS ?

Os números assustam e levarão muito boa gente a olhar para a bancada como uma miragem. É certo que não é obra que se possa ver levantada a curto prazo, mas há perspectivas e vontade de a levar para diante.

Os subsídios são uma das frentes de empenho dos dirigentes do Sp. Espinho. Apesar do recente balde de água fria com os miseráveis mil contos com que a Federação subsidiou o relvado, o presidente do clube, José Fonseca, declarou-nos que o SCE não desarmará esse lado da questão. Está a providenciar para a obtenção do subsídio federativo referente a 1983 (os mil contos foram de 1982) e tenta junto da Direcção Geral do Equipamento Urbano a concessão de um subsídio à bancada que no caso do Leixões subiu a cerca de 40% do custo total.

Há ainda outras perspectivas neste campo, mas o SCE terá como mais certa a necessidade de arrancar com a obra pelos seus próprios, e parcos, meios. A construção por fases é uma certeza, acompanhada de esforços múltiplos para a angariação de fundos entre as gentes cá da terra. E a Comissão para a bancada está já com a mão na mananeta da porta para sair para a rua...

DEGRAU A DEGRAU

Quatro pisos e dois lanços de bancada constituem a base do projecto que englobará as estruturas que se passam a discriminar:

1.º PISO (CAVE AO NÍVEL DO TERRENO DE JOGO)

Acesso dos atletas do exterior
Acesso dos atletas ao recinto de jogo
Balneários para o SCE
Zona de massagem
Vestíário
Sanitários
Duches e tanque de imersão
Rouparia e arrecadação
Gabinete médico
Sala de tratamentos
Balneários para a equipa visitante
Balneários para os árbitros
Balneários de recurso
Sala de imprensa
Sala do Departamento de futebol
Instalações sanitárias para o público
Duas saídas de emergência
Banco dos suplentes sob a bancada

2.º PISO

Acessos do público à bancada inferior, por seis escadarias
Bancada em seis sectores, parcialmente coberta pelo 2.º piso
Sanitários para o público
Bufete
Camarotes
Acessos à bancada superior (cativos)
Hall de escadas

3.º PISO

Acesso directo à bancada de lugares cativos
Bancada de cativos totalmente coberta pela cobertura
Sanitários para o público
Bufete
Hall de escadas

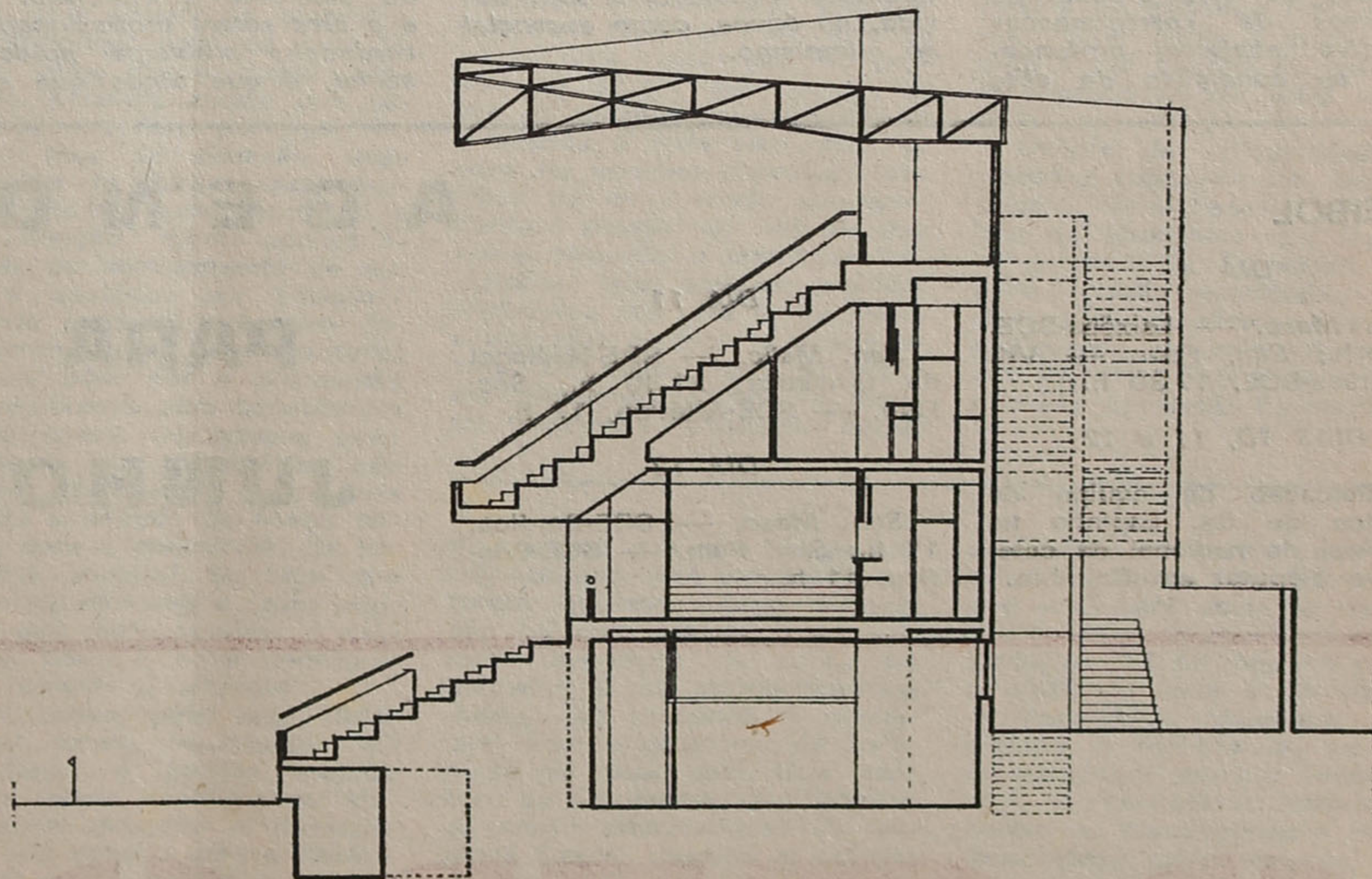
4.º PISO

Camarotes superiores e respectivos acessos

A LOTAÇÃO

Em situação de máxima comodidade, a bancada comportará:

Bancada inferior	1388 lugares
Bancada superior (cativos)	1047 lugares
N.º de camarotes inferiores	27
N.º de camarotes superiores	27
Sector de superior a construir no extremo norte e virada para sul	202 lugares
Números redondos, e em situação de plena comodidade, cerca de 2800 lugares. Em situação de «enchente» admite-se uma lotação de mais de 4000 lugares.	



Neste corte da bancada, podem-se ver os dois lanços de escadas, cada um com os camarotes no topo. À direita, as escadas de acesso a estas bancadas e os quatro pisos interiores, com o 1.º piso ao nível do terreno de jogo. Em baixo, à esquerda, o perfil do que será o banco para a equipa técnica e suplentes, semi-enterrado no terreno ao nível do campo de jogos.

O DESPORTO E OS CLUBES (6)

Reflectindo sobre amadorismo e profissionalismo

Quando se fala em Desporto e democratização do mesmo, é inerente a ideia do conceito de o desenvolver e da maneira de estar nele. Amadorismo ou profissionalismo, duas maneiras de praticar desporto nem sempre muito claras ou distintas. Subsídios a atletas encobrem muitas vezes um falso amadorismo que se teima em não enfrentar. E em que medida os grandes campeões, as elites do desporto não se devem assumir como profissionais, sem que isso possa provocar qualquer alienação ou deformação desportiva? Será o amadorismo compatível com a formação de elites desportivas?

Com a devida vénia, pensamos interessante debruçarmo-

-nos sobre um artigo de RENÉ MOHEN «O Desporto é Educação», que nos fala deste problema. Diz RENÉ MOHEN:

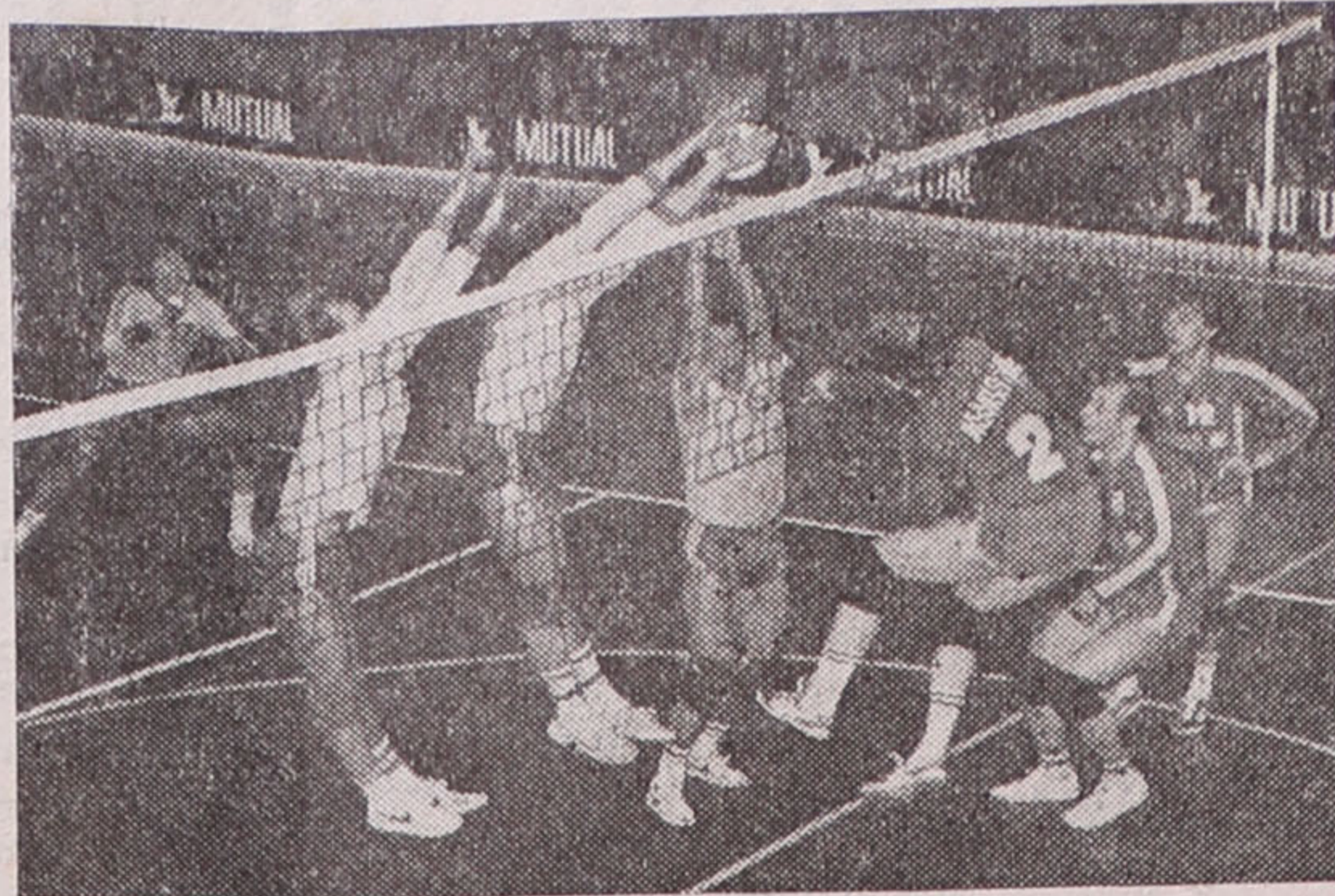
«Se há, para Coubertin, uma constante profunda da sua concepção humanista do desporto, depois da proclamação de Paris, em 1894, que é a sua profissão de fé, até à mensagem de Berlim, de 1935, que é o seu testamento, ela é bem a dupla convicção de que o desporto é democrático e internacional, por natureza e por vocação. Meio século de desenvolvimento extraordinário do desporto deu-lhe inteiramente razão sobre os dois pontos, o que constitui o cumprimento da sua palavra e o triunfo do seu espírito.

«O CAMPEÃO É NECESSÁRIO AO DESPORTO»

Mas será atraioar a sua memória observar que esta própria conclusão e este triunfo tenham sido realizados em condições de facto que exigem uma revisão atenta, digamos mesmo, uma revisão corajosa de certas concepções ou práticas que dele procedem? Quanto a mim, creio que não; estou persuadido, pelo contrário, que ele seria, hoje, o primeiro a empreender as revisões necessárias.

Sobre o primeiro ponto — a democratização do desporto — quem não vê, quem não sabe que esta democratização, as condições da vida urbana, os progressos da «performance» desportiva, abalaram profundamente as condições da elite

desportiva? O famoso axioma permanece: o campeão é necessário ao desporto. Mas salvo circunstâncias excepcionais, já não é verdade, como no tempo de Coubertin, que o campeão se possa destacar, formar, afirmar e ir ao limite das suas possibilidades — o que é realmente, não somente a sua vocação pessoal, mas o seu papel social neste estado de independência e de indiferença em relação às contingências ou mais ainda às necessidades económicas da vida que se chamava amadorismo e que Pierre de Coubertin considerava sem dúvida, na época, como essencial ao olimpismo.



O DINHEIRO DESONRA ?

Se o amadorismo é uma verdade em relação à massa desportiva, impô-la à elite é — salvo excepções que confirmam a regra — condenar esta elite à mentira. Sobre este ponto, as concepções éticas de Pierre de Coubertin referem-se a um estado da sociedade e a um grau técnico do desporto, que é preciso ter a honestidade de reconhecer, estão ultrapassados. Aliás estas não são as da Grécia antiga, visto que, não só as democracias antigas comprovam os lares dos cidadãos pelo trabalho dos escravos, mas os vencedores do Olimpo eram o que nós chamariamos hoje os «atletas do Estado». O estado social e a técnica desportiva à qual Pierre de Coubertin se refere, são os do seu tempo,

isto é, as da Inglaterra vitoriana, e duma maneira geral, da Europa burguesa dos primeiros decénios do século.

Hoje, o campeão praticamente só pode sair da massa desportiva por ter regime especial que faz dele um atleta de Estado, ou um atleta da Universidade ou um atleta da sociedade comercial. No sentido restrito do termo, este já não é um amador.

Porquê hesitar tanto em reconhecer que é um profissional? Será o artista, o pintor, o músico, o escritor — desqualificado por receber honorários? Porque é que dinheiro (ou vantagens materiais equivalentes) desonraria só os campeões desportistas, se não desonra os poetas?

VERDADE, PRECISA-SE

Na realidade que desonra é a mentira, e é altura, a meu ver, de dizer as coisas tais como toda a gente sabe que elas são, isto é, que as normas caducas do amadorismo não são, na melhor das hipóteses, mais do que o objecto duma observação formalista por parte da maioria dos campeões e aspirantes a campeões.

O problema do campeão e do aspirante a campeão, não é o eles serem profissionais. O verdadeiro problema, prático e social, é que ainda que exer-

cendo durante alguns anos as suas actividades desportivas como uma verdadeira profissão, eles devem, ao mesmo tempo, adquirir um outro ofício para o momento, muito próximo, em que já não poderão, por impossibilidade física, praticar o desporto como campeões. A dificuldade é real e merece a nossa atenção. Não se facilitará a justa solução negando-lhe a evidência, isto é, que o campeão é obrigado a viver como um profissional do desporto.

Balanço de Maio

Maio florido trouxe com ele o murchar de uma série de esperanças que animavam o panorama desportivo espinhense, para o que bastará recordar os insucessos competitivos, que, num curto espaço de tempo, sobrevieram para o desporto local. A saber:

— queda do futebol do SCE na zona de declive para a II divisão

— insucesso dos voleibolistas juniores do SCE na fase final do respectivo nacional

— eliminação dos seniores de voleibol do SCE da Taça de Portugal, onde resistiam as últimas esperanças de sucesso

— não acesso dos juvenis de voleibol do SCE à fase final do nacional

— sérios riscos para o voleibol da AAE de cair na II divisão, após os primeiros resultados do torneio de competência

— eliminação prematura dos seniores de andebol do SCE da Taça de Portugal, frente a um modesto Águas Santas

— perca do hóquei da AAE, à tangente, da possibilidade de ascender à I Divisão Nacional.

No meio de tanta «desgraça», sabem bem recordar que alguma coisa de bom aconteceu: os juniores femininos de andebol do SCE conquistaram o título regional e os iniciados de voleibol do SCE asseguraram a sua participação na fase final do nacional respectivo.

O balanço total não é positivo, mas não esqueçamos que na competição sempre há o reverso da medalha. Sobretudo num meio de tanta intensidade de prática desportiva competitiva. E nisso, na gente que faz desporto, as flores de Maio continuam viçosas.

VOLEIBOL

DIA 4

Sen. Masc. — Leixões-SCE, 11,30 h.; Sen. Fem. — Vit. Guimarães-SCE, 17,30 h.

DIAS 10, 11 e 12

Participação da equipa de iniciados do Sp. Espinho na fase final do nacional da categoria, a disputar em Coimbra.

DIA 11

Sen. Masc. — SCE-Nacional de Ginástica, 21,30 h.; Sen. Fem. — SCE-Atlético, 17 h.

DIA 12

Sen. Masc. — SCE-Benfica, 17 h.; Sen. Fem. — SCE-Benfica, 11 h.

AGENDA

PARA JUNHO

DIA 18

Sen. Masc. — SCE-Nacional 22 h.; Sen. Fem. — SCE-Leixões, 20 h.

FUTEBOL

DIA 5

SCE-ESTORIL, às 16 h.

ANDEBOL

Ainda não está confirmada a presença do equipa feminina do Sp. Espinho na fase final do respectivo nacional, em local a designar.

GINÁSTICA

DIA 11
Sarau da AAE

DIA 25
Sarau do SCE

OSNOFA A QUALIDADE DEVIDA
COZINHAS

reunião
da
câmara

BAIRRO DA LOMBA:

Lista de concorrentes já entregue

Mais uma reunião do executivo camarário teve lugar na passada sexta-feira, em que, apesar de uma agenda de trabalhos normal, deve ter tido momentos de inegável participação por parte dos vereadores. A habitação clandestina esteve provavelmente na origem da discussão travada. O não acatamento das deliberações ou tomadas de posição sobre as construções clandestinas — que são manchete dos grandes jornais nacionais — por parte dos municípios, que tentam desenterrar um abrigo para se protegerem do inverno que parece tardar a ir-se embora, motivou que a Câmara deliberasse na última reunião acionar os mecanismos legais contra três infractores, entregando cada pro-

cesso ao advogado para resolução através das vias competentes dos respectivos casos.

E porque se trata de habitação, a Junta de Paramos aprovou a lista de distribuição de casas no lugar da Lomba — a este assunto fizemos eco em reportagem em anterior publicação — e solicitou à Câmara que diligenciasse com brevidade para que estas possam finalmente ser entregues e habitadas. A Câmara vai reunir com a comissão encarregada de estudar o problema e na próxima sessão apreciará e decidirá finalmente sobre o assunto.

As praias de Paramos e Silvalde vão ter, como em anos anteriores, nadadores-salvadores. O executivo irá diligenciar nesse sentido, para que todos quantos dessas praias se utili-

zem beneficiem da vigilância necessária.

As ruas contíguas ao Regimento de Engenharia de Espinho vão ter melhor iluminação. O projecto foi aprovado pelo executivo e as obras começarão brevemente. Esperemos que estas obras também venham a estender-se à cidade, pois esta bem precisa de melhor iluminação.

Por informação da Direcção da tutela, o velho parque de campismo da cidade deixou de constar no roteiro de parques do país. Finalmente, os pedidos de subsídios para as colectividades continuam a tombar na secretaria da Câmara, como a chuva que tem caído, mas o executivo continua a dar-lhes o destino que a tantos tem dado, esperando melhores dias.

Casas de Além do Rio

Até o nome do Lugar é clandestino

Quando se fala em habitação surgem-nos sempre várias interrogações. Onde estão as casas para alugar? Que hipótese há para construir ou adquirir casa? Que apoios há para realizar esse sonho?

As dificuldades de encontrar uma resposta leva muitas pessoas a pensar nas construções clandestinas. Estas estão espalhadas pelo concelho e até talvez na cidade. Mas, hoje, vamos debruçarmo-nos sobre aquilo que vimos no lugar de Além do Rio, lugar este também clandestino.

Foi com alguma surpresa nossa que observamos pela primeira vez um tipo de casas clandestinas diferentes. Quando se ouve falar de construção clandestina estamos logo a imaginar pequenas casas de tijolo ou madeira. Pois bem, ali no lugar de Além do Rio, que também consideramos lugar clandestino, uma vez que os terrenos onde estão instaladas boas vivendas pertencem ao lugar do Carvalhal e chamam-se Covas ou Bouças da Idanha, nomes porque são conhecidos pelos seus anteriores proprietários. Estes são de facto uma «autenticidade» na matéria, pois, como é conhecido, foram em tempos e ainda o são de algum modo «donos» da maior parte dos terrenos na freguesia de Anta.

Casas recentemente construídas, outras ainda em fase de construção, pedem meças às que estão situadas na «zona de Belém» como são conhecidas as vivendas na zona alta da cidade.

Mas, de facto, nem tudo o que vimos foi só construções deste tipo. Percorremos o lugar, perante olhares dos seus habitantes inquietos por não estarem habituados, por certo, a visitas do género. Vimos pequenas construções mais antigas

separadas por sebes e arbustos ou de muros de tijolo de construção recente. Porém, no meio destas construções está uma casa de lavoura que é habitada pela família da senhora Constança Cunha, que veio dos lados do Castelo de Paiva, há 18 anos, ocupá-la e trabalhar nos campos anexos. Esta casa existe há mais de 50 anos e foi pertença de um senhor que tem ou teve o apelido de Feijão.

Em conversa com a senhora Constança quisemos saber quando começaram a ser construídas todas aquelas casas: «*Já antes do 25 de Abril de 1974 havia aqui casas mas eram poucas. Aqui há cinco anos apenas existia uma meia dúzia delas. Depois veio para cá o senhor Bernardino (rabeca) e por aí adiante. Nos últimos três anos é que se começaram a construir muitas casas.*»

Todas as casas têm luz, apenas falta o abastecimento de água, mas este é feito através de furos que os proprietários fazem. Não há saneamento, dado que esta zona é área reservada a agricultura, não existindo qualquer projecto de urbanização. Cada proprietário constrói como entende. Os caminhos são de terra batida e

quando chove é um problema para as pessoas como se deve imaginar. Se na cidade quando a chuva nos visita as ruas mais parecem piscinas ou duchas improvisados, como será a situação desta gente? No entanto, as construções naquele lugar não param de expandir. No prolongamento da rua 19 estão duas casas quase acabadas. Estamos certos que estas não vão ficar por aqui.

Em face da situação, urge perguntar à Câmara que atitudes irá tomar para pôr cobro a esta situação? Ficar apenas limitada ao levantamento de autos e enviá-los ao Tribunal? Quando pensa o executivo dotar terrenos com infra-estruturas capazes para pôr à disposição dos municípios para construírem a sua casa? Os poucos lotes postos à sua disposição não chegam. É preciso mais. Para quando a criação de novos terrenos para a construção de habitações sociais? Se bem que a Câmara não seja a única entidade que pode resolver o problema, pode e deve contribuir para minorar a situação.

No nosso país em 1982, apenas foram construídos 40 mil fogos e apenas metade destes foram vendidos ou alugados. A situação é desesperada. O crédito para a habitação é quase proibitivo devido às taxas de juro. A falta de condições leva as pessoas à construção clandestina e de algum modo até incentivadas pela falta de legislação que puna com mais vigor. Senão, repare-se. Uma licença para uma casa com 4 assoalhadas custa 6 a 7 mil escudos e por vezes uma licença não chega. Construir ilegalmente para os infractores é a saída. Poderão apenas ser incomodados com

PINTAR AO AR LIVRE

A Secção da Criança da Coop. Nascente ofereceu no passado sábado, lá em baixo em frente à Piscina, uma tarde de pintura a todas as crianças que por lá passavam, integrada nas Comemorações da Dia Mundial da Criança.

O tempo estava óptimo para iniciativas deste género e assim que se instalaram os materiais necessários à prática da pintura, logo as crianças se dirigiam ao local, deixando-nos aperceber que realmente pintar ao ar livre é muito inovador na vida delas.

«*Nunca pintei ao ar livre, faço sempre as minhas casas e os meus bonecos num caderno, assim é melhor porque está sol e eu fico entretido, gostava de fazer isto mais vezes.*» — disse-nos o Carlos Manuel de 10 anos e que está na 4.ª classe.

«Elas» tinham espaço, materiais e incentivo para as suas pinturas. Assim com bastante espontaneidade foram decorando cerca de 5 painéis (às vezes conjuntamente com os pais) que serão expostos na festa final de Aniversário da Nascente. Desde já fica o convite aos pais das crianças para as levarem a ver as suas pinturas.

SEGUNDO LEVANTAMENTO AGRÍCOLA DO CONCELHO

Em Espinho, actividade agrícola é ocupação dos tempos livres

Decorreu no passado dia 26 pelas 15,30 h. na Escola Secundária do Dr. Manuel Laranjeira a apresentação e debate de um levantamento agrícola e industrial do nosso Concelho, efectuado por um grupo de professores em formação naquela Escola. Estiveram presentes a esta sessão, para além do Presidente da Câmara, o Coordenador da Zona Agrária do Porto, Eng.º Fonseca Cardoso, representantes das várias empresas situadas em Espinho e alguns professores.

Este trabalho, cuja duração podemos estimar em cerca de um ano, está dividido em dois capítulos bastante distintos; um respeitante à Agricultura e o outro à Indústria. Contudo as conclusões finais são mais palpáveis para o sector agrícola. Ficou-se a saber por exemplo que com mais de 100 hectares só há uma exploração, ao passo que 82,2% tem menos de 0,5. A utilização de herbicidas e adubos é feita sem qualquer rigor de carácter científico. Um dado de certo modo surpreendente é aquele que nos diz que neste concelho o crédito é inexistente. Isto pode-se explicar facilmente até pelo modo como a actividade agrícola é desenvolvida. Em quase todos os casos ela preenche os tempos livres da ocupação principal, nunca

atingindo por isso grande desenvolvimento e não necessitando de grande investimento. O escoamento de produtos produzidos por este sistema é feito directamente ao consumidor através da feira semanal. Por outro lado verifica-se que Espinho é um meio rico em consumidores deste tipo de produtos.

No sector industrial ficamos com a infomação de que Espinho, em todo o distrito de Aveiro, se encontra em 8.º lugar quanto ao número de empresas que possui. Em termos de densidade industrial, ou seja, n.º de empresas em função da sua extensão territorial, ocupa a 2.ª posição ficando para S. João da Madeira a 1.ª. A indústria transformadora, em todo o Concelho, tem 5680 postos de trabalho. Contudo na sua maior parte a tendência é para a sua diminuição em favor da introdução de mais maquinaria.

Depois da apresentação do trabalho seguiu-se um pequeno debate onde ficaram patenteados os objectivos que levaram os professores, Francisco Casimiro, José Azambuja, Lívio Gonçalves e Victor Granja a realizarem e apresentarem o seu trabalho. Sobretudo a dinamização da relação Escola/Meio.

uma multa que não chega aos mil escudos. Nos processos que foram enviados para tribunal não há conhecimento de qualquer demolição de casas no concelho. É que os meritíssimos Juizes são humanos e conhecem bem o problema da habitação no nosso país. Que fazer com as populações que habitam as casas clandestinas? A resposta deverá começar a ser dada pela Câmara.

Entretanto, antes das eleições autárquicas de 12 de Dezembro, o problema foi largamente debatido e aprovado na Assembleia Municipal, sem que até ao momento nada tenha sido feito pela Câmara, pelo menos que se saiba. Trata-se do problema da legalização das casas clandestinas. Em Fevereiro do ano em curso, o Presidente da Junta de Anta leva à nova Assembleia saída das eleições o problema,

solicitando inclusivé que um dos vereadores a tempo inteiro que a Câmara pode ter se debruce sobre o problema. Mais tarde, em 13 do mês em curso, o problema volta a ser focado na Assembleia Municipal. Para quando a tomada de posição do executivo sobre a matéria e criar a necessária terapêutica contra os clandestinos e simultaneamente criar espaços para a construção com as infra-estruturas para que os municípios possam construir dentro das normas estabelecidas?

A finalizar, os moradores dos clandestinos, do clandestino lugar, fizeram uma escolha que causará inveja a toda a gente. Um local onde não há barulho, poluição, pelo contrário, há sol, verdura, pássaros a cantar e o assobio do vento das árvores. Estão num pequeno Eden. Falta-lhes o resto.

DR. PINHEIRO DE MORAIS

AO MARÉ VIVA:

«Parar de trabalhar é morrer...»

Espinhense, nado e criado, o Dr. Joaquim Pinheiro de Moraes, é um homem bem conhecido na nossa terra.

Médico conceituado, ele é também uma figura conhecida de homem públi-

co, interveniente na vida cultural e política local e também, e fundamentalmente, um resistente à tenebrosa ditadura de Salazar. Resistente, numa altura em que não era nada fácil resistir...

— x —

MV — Porque foi para médico?

JPM — Havia duas opções na minha vida: ou Biologia ou Medicina. Decidi-me pela última por vocação e gosto e pelo meu desejo de ser útil ao meu semelhante. Não houve qualquer influência exterior na minha decisão, tendo decidido só pela minha cabeça.

MV — Sente-se realizado na sua profissão?

JPM — Sinto-me contente até ao ponto em que fui vencido pela doença. No entanto continuo a trabalhar com o mesmo gosto de sempre, tendo achado novas formas para continuar a exercer a minha profissão.

MV — Teve uma grande intervenção na vida espinhense, quer contar?

JPM — A minha intervenção na vida cultural e pública espinhense começou a processar-se juntamente com a criação da Associação Académica de Espinho. Acompanhei o seu processo de desenvolvimento até onde o meu trabalho me permitiu. Colaborei em vários jornais espinhenses da altura, com muito material, muito do qual foi atingido pelo lápis azul da censura.

MV — Um desses jornais foi o «Rumo». Qual o significado do Rumo?

JPM — O «Rumo» foi

um grande passo dado pela juventude da época no sentido de uma cultura mais viva e mais progressista. Foi um grande acto de responsabilidade cultural e de muita coragem cívica.

MV — Qual era a sua colaboração no «Rumo»?

JPM — Escrevia sobre variados temas. Sobre os acontecimentos em geral, tecia considerações vagas sobre a situação nacional como me era possível dados os condicionamentos da altura, fiz a divulgação de figuras tão importantes da nossa literatura como Raul Brandão, o Abade de Baçal, Camões...

MV — O seu pai foi um vulto importante da cultura espinhense. Qual foi a influência paterna na sua formação?

JPM — A influência de meu pai deu-se sobretudo na minha juventude quando me deu a ler grandes da nossa literatura como Eça ou Ramalho Ortigão. A sua influência ficou por aqui. O resto da minha formação foi feita à minha própria custa, tendo orientado os meus interesses fundamentalmente para a filosofia dialeto-materialista.

MV — Na sequência dessa formação filosófica teve activa participação na vida política, o que o levou aos cárceres da ditadura...

JPM — Tive de facto uma participação activa na vida política, na altura. Essa participação teve lugar fundamentalmente no Porto, quando era ainda estudante, tendo-se prolongado depois pelos anos fora, culminando numa estadia nos calabouços da Pide. Na altura fomos presos vários jovens, sobretudo da região de Aveiro.

Passei um ano nos cárceres da ditadura, tendo ainda frequentado os Tribunais Plenários. Estive primeiramente em Coimbra e, depois, no Porto.

MV — Entretanto veio o 25 de Abril. O que foi ele para si?

JPM — O 25 de Abril foi o coroar de toda uma luta, velha de quase 50 anos. Foi uma grande alegria para quem, como eu, lutou muito por um regresso da liberdade. Apesar de todas as trações e de tudo o que foi feito para impedir a concretização dos ideais de Abril. Penso que foi muito bom e que valeu amplamente todos os sacrifícios.

MV — Trabalhou com o Dr. Gomes de Almeida, um grande vulto do campo democrático. Até que ponto foi por ele influenciado?

JPM — Trabalhei em muitas especialidades, algumas, como obstetrícia, bem contra a minha vontade. Trabalhei também em ortopedia e em cirurgia com o Dr. Gomes de Almeida e com o Dr. Moreira da Costa.

Sob o ponto de vista filosófico e político devo dizer que não considero ter o Dr. Gomes de Almeida tido qualquer influência na minha formação. Gostava muito de o ouvir falar, pois tinha um grande dom de palavra e tinha

uma formação cultural verdadeiramente impar.

MV — Em Espinho trabalhou nos dois hospitais, no velho e no novo?

JPM — Sim, trabalhei nos dois. Comecei no velho hospital da misericórdia. Quando se mudou para o hospital novo, tive o prazer de fazer os dois primeiros dias de urgência, sábado e domingo, seguidos.

MV — Como vê a participação dos jovens de hoje na vida cultural e cívica em Espinho?

JPM — Há talvez uma participação menor, em quantidade, do que no meu tempo, mas, certamente, de muito boa qualidade, especialmente por via da Cooperativa Nascente e do seu jornal. Há actualmente jovens com muitas qualidades e que vão com certeza ser dignos continuadores da luta dura e difícil que se começou há já 50 anos.

MV — Como está Espinho, hoje, para si?

JPM — Está muito diferente do que era no meu tempo. Houve um grande

aumento de população e um grande desenvolvimento urbanístico e em muitos outros sectores da actividade económica. Há ainda muita coisa para ser feita, mas, no entanto, auguro um futuro brilhante para a nossa terra, esperando especialmente o resurgir das velhas companhias que são essenciais para a identidade de Espinho.

MV — Como vê o futuro do nosso país?

JPM — Acho que o futuro está um pouco sombrio. Vai ser muito difícil vencer definitivamente as forças saudosistas do passado que se empenham no regresso ao 24 de Abril, mas no entanto tenho esperança numa grande vitória definitiva sobre as forças da reacção, pois tenho grande confiança na capacidade do nosso povo.

MV — Continua a trabalhar, como sempre?

JPM — Com a mesma vontade de sempre, embora com as limitações que me são impostas pelas consequências da mi-

continua na página 4



O Fechar

O problema da habitação não é de ontem nem de hoje. É de sempre. Ainda recentemente, em entrevista que concedeu ao nosso jornal, o Presidente da CME, Artur Bártolo, dizia que tal problema era o que carecia de mais urgente solução. De facto, no nosso concelho são muitas as famílias que não dispõem de habitação condigna.

Dentro deste contexto, irá ser apresentado pelo Presidente na reunião de amanhã, sexta-feira, um projecto de construção de 312 fogos, no valor de 600 mil contos. Essas habitações serão, em princípio, implantadas na zona próxima à nova Escola Preparatória, no lugar da Quinta, em Paramos, e na zona habitacional da Ponte de Anta, estando a sua conclusão prevista para 1986. Este empreendimento está incluído em recente diploma que transfere para os municípios o fomento da habitação social.

Sarau Cultural sobre o Renascimento

(«Os descobrimentos portugueses e a Europa»)

- GRUPO DE MÚSICA ANTIGA
- BALLET DA ACAD. DE MÚSICA
- CORO POPULAR DE ESPINHO
- TEATRO POPULAR DE ESPINHO

6.ª FEIRA, 10 DE JUNHO, 21,30 h.

SALÃO DA PISCINA

Coop. Nascente

maré viva

ESPINHO



PORTE PAGO

Câmara Municipal de ESPINHO